

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

ה ל פ י ד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

ENTRADA :
22 SLT 1943

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 30
PÓRTO

Juramento de Lôbo

O Lôbo, chanceler do Leão, foi um dia acusado por todos os animais:

— Êste glotão, gritavam êles, faz da floresta um deserto, das nossas fêmeas viúvas, dos nossos filhos orfãos.

O Rei irritou-se muito e censurando-lhe a sua crueldade, disse-lhe:

— O passado não é reparável, mas livra-te de ser cruel para o futuro. Contenta-te para as tuas refeições com os animais que encontrares mortos nos campos; e se tu estrangulas algum animal vivo, jura abster-te de carne durante dois anos.

O Lôbo jurou e foi-se embora.

Alguns dias depois, com uma fome devoradora, viu uma ovelha pastando num prado.

Mil pensamentos lutavam dentro da sua cabeça:

— «Privar-me de carne durante dois anos! Isto é duro... Eu jurei... Mas o que é precisamente um ano?

Trezentos e sessenta-e-cinco dias. E que é afinal um dia? É dia quando vejo; é noite quando não vejo. Se eu fecho os olhos é noite; se os torno a abrir, é o dia seguinte.»

Depressa fechou os olhos, depois tornou-os a abrir: assim foi noite, assim foi dia, primeiro dia. Desta maneira êle contou setecentos e trinta dias.

— Já fiz adiantadamente a minha penitência, exclamou êle.

E, lançando-se sôbre a ovelha, estrangulou-a e depois comeu-a.

Um bandido, pois que é um bandido, sabe sempre sofismar um juramento.

BERACHIA BEN-NATRONAI.

(FÁBULAS DO RAPÓSO).

Berachia Ben-Natronai, sábio judeu, anotador de textos bíblicos, viveu na Provença (França) no século XII, autor duma colecção de *Fábulas do Rapôso*, onde se encontram sob uma forma hebraica, os temas generosos da fábula na Idade-Média.

A misteriosa personalidade de Bernardim Ribeiro

(O TROVADOR DO AMOR E DA SAUDADE)

POR A. C. DE BARROS BASTO

CAPÍTULO I

Os primeiros passos duma investigação

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 116)

Teófilo Braga, no seu livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo* (Edição de 1872) considera só parte autêntica da *Menina e Moça* (31 capítulos) e diz que a parte apócrifa da novela em nada interessa para a reconstrução da vida de Bernardim.

D. José Pessanha, na sua edição da *Menina e Moça*, em 1891, escreve:

— «Depois de Faria e Sousa, todos os biógrafos de Bernardim Ribeiro o têm dado como jurista. Efectivamente, segundo uns apontamentos que devo aos Srs. Gabriel Pereira e Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, cursava a Universidade de Lisboa, pelos anos de 1507 a 1511 ou 1512, um estudante de nome *Bernardim Ribeiro*. Talvez que êsse estudante seja o individuo de igual nome, que em 1524 foi nomeado escrivão da Câmara de D. João III.—O nome de *Bernardim Ribeiro* aparece no *Livro primeiro da Universidade de Lisboa*, a fls. 28, 53, 79, 92, 107 v., 108 v. e 111 v.».

— Se é Bernardim, o poeta, tinha em 1507, segundo a minha hipótese, 16 anos de idade, sendo admissível que se trate do nosso Bernardim. Nesta edição de 1891 a *Menina e Moça* compreende apenas 31 capítulos, e diz o editor: Nesta edição entram só *capítulos autênticos*.

O Visconde Sanches de Baena, em 1895 publicou um opúsculo sobre Bernardim Ribeiro, onde traz um documento jurídico datado de 1642, e uma genealogia da família Zagalo por D. Flamínio de Jesus Maria. Não consegui ler êste opúsculo, mas Teófilo Braga no seu livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo* (Edição de 1897), diz-nos: «Seguiremos em tôda a exposição da vida de Bernardim Ribeiro as indicações genealógicas coordenadas e documentadas pelo Sr. Visconde Sanches de Baena, no seu precioso opúsculo publicado em 1895», e por

isso estudarei os elementos que Teófilo Braga me dá.

Diz Teófilo Braga:— «um dos criados do Duque de Viseu, recebedor das rendas da casa primeiramente e depois empregado seu particular, era Damião Ribeiro, natural da vila de Torrão; al' vivia casado com D. Joana Dias Zagalo, tendo já dois filhos, Bernardim Ribeiro, nascido em 1482, e uma menina, que por ventura morreu de pouca idade. Diante da terrível catastrophe de 22 de Agosto de 1484, Damião Dias conseguiu esconder-se, para passar a fronteira e refugiar-se em Castela, aonde os reis católicos em hostilidade contra D. João II davam asilo aos foragidos de Portugal. Qual a importância que Damião Ribeiro tivesse na conjuração do Duque de Viseu, seu amo, depreende-se do rancor de D. João II, mandando um sicário seu assassiná-lo em Castela. Entregue à incerteza da sorte, com seus dois filhinhos e diante duma sangrenta perseguição, D. Joana Dias Zagalo, duma família rica de Extremoz, procurou um refúgio junto de seus sobrinhos o desembargador António Álvares Zagalo e irmã D. Inês Álvares Zagalo, que viviam na Quinta dos Lóbos, cabeça do morgado de Sintra...» Dos documentos do processo remetido à Junta da Casa de Bragança, informou o desembargador Rodrigo Rodrigues de Lemos: «que Bernardim Ribeiro nasceu em 1482, e era filho de Damião Ribeiro, criado dos duques de Viseu, que caído em desgraça por causa das desavenças de seu amo com El-Rei D. João II, teve de se refugiar em Castela e lá morreu pouco depois com suspeitas de morte violenta.

« Bernardim Ribeiro com sua mãe e irmã se socorreram do amparo de seu parente o desembargador da Casa da Suplicação An-

tónio Zagalo e de sua irmã D. Inês, a qual os levou para a vila de Sintra e os trouxe recolhidos em segrêdo por algum tempo na quinta denominada dos Lóbos...”

Este documento de 1642 refere-se ao Dr. Bernardim Ribeiro, que mais tarde foi em 1524 nomeado escrivão da Câmara de D. João III, e nêle nenhuma referência se faz ao nosso poeta cristão-novo. Este Dr. Ribeiro morreu em 1552, nada tem que ver com o autor da *Menina e Moça*.

O referido documento diz mais que D. Inês Zagalo foi escolhida por D. Manuel para ama de D. Beatriz, devendo pois ser a *Enis* da novela.

Teófilo Braga informa que “com os Ríbeiros, do Torrão se achavam ligados por casamentos os *Mascarenhas*...” e “Os Zagalos, a cuja estirpe pertencia a D. Joana Dias Zagalo, também nos apparecem aparentados em épocas remotas com os Mascarenhas”. Diz mais que D. Inês Álvares Zagalo, que vivera com o irmão na Quinta dos Lóbos, casou em Extremoz com um rico proprietário Sancho Tavares, e para lá mudou a sua residência.

Diz ainda que Sancho Tavares é o pastor Sancho referido na *Ecloga Aleixo*, de Sá de Miranda, e supõe que Sancho Tavares em 1504 viera para a côrte, quando sua mulher D. Inês Zagalo foi chamada para ser ama da Infanta D. Beatriz. Diz mais que D. Inês Álvares Zagalo do casamento com o rico proprietário de Extremoz tinha cinco filhos, entre os quais D. Joana Tavares (A Aonia encantadora da *Novela*; a Joana que é idealizada nas *Eclogas*) e D. Francisca Tavares, colaça da Infanta D. Beatriz.

Segundo a genealogia da família Zagalo por D. Flamínio de Jesus Maria, D. Joana Tavares “segundo consta de várias memórias, era assás formosa, o que não deixou de concorrer para sua desventura, porque há notícias dela se ter apaixonado por um seu parente, e ter sido, por interêsse da família obrigada a casar com Pero Gato, filho de Nuno Gato e de sua mulher D. Inês Correia da Silva. Pero Gato dizem que falecera pouco tempo depois do seu casamento, e que essa morte fora violenta. D. Joana, depois de viúva, foi passar por algum tempo em casa de seu tio Álvaro Pires Zagalo, que residia em Alcácer-do-Sal, até que foi recolhida a um Convento e lá se finou professa”.

Teófilo Braga supõe que o parente por quem D. Joana se apaixonara era o nosso poeta.

Diz Teófilo Braga: “É certo que em 1520 foi D. Joana Tavares Zagalo se achava na clausura do Convento de Santa Clara de Extremoz, por isso que em carta de 15 de Agosto de 1522 sua mãe fala dela como freira. Vamos analisar êstes elementos, notando se são úteis ou não à minha hipótese.

No documento jurídico de 1642 diz-nos que Damião Ribeiro, natural do Torrão e casado com D. Joana Zagalo, de Extremoz, criado e homem de confiança do Duque de Viseu, depois da morte de seu amo teve de se refugiar em Castela, onde encontra protecção por parte dos reis católicos, e lá morreu pouco depois com suspeitas de morte violenta. Sua mulher e um filho e uma filha se socorreram do amparo do seu parente o desembargador António Zagalo e de sua irmã D. Inês.

Não nos diz o documento se sua mulher esteve com êle em Castela, e se foi depois da morte de Damião que regressou ao reino e foi pedir socorro aos parentes ou se fêz isto quando êle se ausentou.

Se foi, como tantas outras famílias de refugiados, reünir-se a seu marido era natural que ali se encontrasse com outros refugiados e entre êles os Abrabaneis.

Se assim fôr posso crer que D. Joana Zagalo, após a morte de seu marido quisesse regressar à sua terra, e fôsse a tal *ama*, a quem Judah Abrabanel confiou o seu filho de um ano de idade. D. Joana era uma alentejana e os Abrabaneis viveram (talvez mesmo ali tivessem propriedades) pelo menos certo tempo. No Alentejo pois vemos na sentença de morte de D. Isaque Abrabanel são citadas Moura, Vidigueira e Arraiolos, e é desta data última que D. Isaque foge ao mensageiro de D. João II, que o tinha ido buscar a Vidigueira, com ordem de o trazer em segurança até à presença de El-Rei.

Diz Teófilo Braga que o pastor Sancho da *Ecloga Aleixo*, de Sá de Miranda é Sancho Tavares, grande proprietário de Extremoz, Sancho conta na *Ecloga* como tomou como filho adoptivo o poeta Bernardim.

Vamos ver como êle nos conta êsse caso:

— Numa segunda-feira, em que chuviscava apesar de já não ser Inverno, Sancho perseguia uma cabra que fugia e viu um

menino que estava envolto em tais panos (e certamente o menino era tal) que muito ali diziam mal.

A cabra aqui representa a ama da criança, cujas roupagens deviam ter letras ou emblemas judeus e certamente, como êle diz, o menino era tal dos que ali muito diziam mal. Isto vem favorecer a minha hipótese. Sancho devia ser uma das pessoas que por ordem de El-Rei D. João II se apoderou do filho de Judah Abrabanel e tomou conta d'êle em sua casa.

Na Ecloga diz Sancho que o levou à sua Teresa, certamente sua espôsa, o que nos indica que se êste é Sancho Tavares só casou com Inês Zagalo após a morte da sua Teresa. Descreve Sancho todo o período da meninice de Bernardim até à idade de poder ajudar à missa ao clérigo. Mas sendo Sancho Tavares, proprietário em Extremoz viveria bastante tempo no Torrão para que o filho adoptivo (hijo en el amor) pudesse ser considerado como natural dessa terra? Ou passaria a viver com outra família do Torrão? Não sabemos.

Não me repugna acreditar que D. Joana, filha de Sancho Tavares fôsse a primeira namorada de Bernardim, visto que êle próprio confessa dever-lhe muitos favores, e também facilmente se compreende que a família de Joana a quisesse casar com outra pessoa diferente de Bernardim, cuja origem conhecia.

Delfim Guimarães, nos seus livros "Bernardim Ribeiro — o poeta Crisfal" e "Teófilo Braga e a lenda Crisfal", diz:

— "Bernardim Ribeiro é um dos astros fulgurantes da rútila constelação que brilha, intensa e perduravelmente, no céu de Portugal, e ainda hoje nos deslumbra o seu fulgor..."

"O *Cancioneiro Geral*, publicado em 1516, começou a imprimir-se em Almeirim e foi concluído em Lisboa, trabalho que levou dois anos a ser executado. É natural supor que Garcia Resende, na organização dos materiais para o seu volumoso in-folio, não consumiu menos que dois a três anos, e assim pode deduzir-se que à data de 1511-12 já Bernardim Ribeiro era poeta conhecido e apreciado."

"Os amores infelizes do poeta por Joana ou Aonia são o tema exclusivo das suas éclogas e da sua novela, e de grande número das cantigas com que Bernardim Ri-

beiro enriqueceu o lirismo português. A paixão do poeta serviu também de assunto a algumas das melhores composições que nos legou o seu amigo, confidente e colega Francisco de Sá de Miranda."

Da Universidade devem ter datado as relações da funda amizade que uniram por longos anos os poetas Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro.

"Entre os 31 capítulos que constituem a primeira parte, ou o chamado *Primeiro livro* das Saúdes de Bernardim Ribeiro, e os 58 capítulos da parte segunda, a diferença do estilo é tão manifesta, salta aos olhos por forma tal, que o mais rudimentar critério de estudantinho do liceu, sem grande estudo, conclui pela diversidade do autor.

Na segunda parte, dois escribas anónimos procuraram imitar a prosa corrente e adorável de Bernardim Ribeiro; mas falhos de talento e falhos de cultura, não conseguiram outra coisa mais do que encher algumas dezenas de páginas com um amontoado de baboseiras sem nexos, despidas de todo o interesse, e em que os episódios cheios de ingenuidade e frescura da primeira parte são pastichados por uma forma ignóbil."

Delfim Guimarães, depois de ter demonstrado que a Ecloga Crisfal é da autoria de Bernardim, diz:

"Alcançada a convicção de que *Crisfal* era um anagrama de Bernardim Ribeiro, e norteados pelo conhecimento de que nas suas produções o poeta mudava constantemente os seus nomes pastoris, com um pequeno trabalho de raciocínio não nos foi difícil deduzir a constituição do criptograma que era formado pelas primeiras sílabas das palavras *Crisma* e *Falso*."

Aqui discordo, em parte, de Delfim Guimarães pois para mim o nome Crisfal é formado pelas primeiras sílabas das palavras *Cristão Falso*.

José Pereira de Sampaio (Bruno) afirmava que Delfim Guimarães estava com a verdade que o trovador Cristóvão Falcão era simples produto duma lenda, que o criptónimo *Crisfal* pertencia a Bernardim Ribeiro.

Em nenhum destes autores referidos encontrei qualquer elemento seguro que de qualquer forma viesse contrariar, em todo ou em parte, a minha hipótese, antes porém de fazer a exegese da *Menina e Moça* e das e das éclogas de Bernardim e do seu amigo

Sá de Miranda onde nada há que a contrarie, vou-a expor em breves palavras:

— Bernardim Ribeiro, o trovador do amor e da saúde, era filho de Judah Abrabanel, o autor dos «Diálogos de Amor» e neto de Isaque Abrabanel, escritor, teólogo e financeiro ilustre, homem de confiança de D. Afonso V e dos Reis Católicos de Espanha, para onde se refugiara após a morte do Duque de Viseu.

Judah Abrabanel mandou seu filho para Portugal em fins de Julho ou princípios de Agosto de 1492 com um ano de idade acompanhado duma ama (viúva de Damião Ribeiro). D. João II tendo tido conhecimento do caso mandou que se apoderassem da criança. Feito foi isso, tomando conta do menino Sanches Tavares. D. Manuel mandou baptisar êste rapasito sendo-lhe mudado o seu nome de Isaque Abrabanel em Bernardim Ribeiro. Bernardim teve amores no Alentejo com uma menina Joana, os quais terminou quando se apaixonou por D. Beatriz, filha de El-Rei D. Manuel.

Quando esta infanta se casou com o Duque de Sabóia em 1521, Barnardim partiu também para a Itália onde ainda conseguiu falar com D. Beatriz que lhe disse terem terminado os entretimentos do Paço. Bernardim vai para Nápoles viver com seu pai onde retoma o primitivo nome de Isaque Abrabanel. Ali escreve a *Menina e Moça* e *Eclogas*. Sá de Miranda vai à Itália e procura convencer Bernardim a voltar para Portugal o que não consegue.

Bernardim casa-se tem, pelo menos, um filho a quem deu o nome de seu pai Judah. Ainda hoje existem descendentes, por linha varonil, de Isaque filho de Judah Abrabanel, o autor dos Diálogos de Amor, que em Portugal como Cristão-novo usava o nome de Bernardim Ribeiro.

D. Rosa (Ribakah) Lima

Natural da Ucrânia, faleceu a 13 de Janeiro de 1948, no Pôrto, com 88 anos de idade. Sentindo aproximar-se o fim da sua existência comprou à sua custa uma sepultura perpétua no Cemitério Municipal de Agramonte da cidade do Pôrto, num quarteirão donde se vê a Sinagoga. Na lápide sepulcral quis que fôsem gravadas apenas as seguintes palavras: «Aqui jaz uma filha de Abraham, serva do Senhor». Fiel guardadora do dia de Shabath que passava a ler a Bíblia, as suas últimas palavras foram o Shemah (proclamação de unidade divina).

No seu funeral além de outras pessoas tomaram parte o digno 1.º Secretário da Comunidade do Pôrto, Sr. Menasseh Bendob e o Moreh Marano Sr. Joseph Gabriel.

Abné Zikarón

(Pedras de recordação)

Quando os Reis Católicos (Fernando e Isabel) decretaram a expulsão dos hebreus espanhóis, um judeu Toledano, antes de abandonar esta cidade onde os hebreus deixavam tantas recordações, quis despedir-se da necropole judia que estava situada no «Cerro de la Horca».

Ali debaixo daquelas pedras tumulares ficavam as cinzas das Glórias da Raça. Famílias e amigos daqueles judeus Toledanos que a cristianíssima bondade de Fernando e Isabel forçava a emigrar. Se bem que a maioria dos hebreus não procurasse senão salvar aquilo que podiam dos seus bens, êste, a que me refiro acima, teve um gesto sentimental ao dar o último adeus aos restos dos seus irmãos de raça.

Mas fêz mais. Desejando levar uma recordação sensível daquele cemitério que não tardaria a desaparecer, e do qual desapareceu efectivamente até o lúgubre nome do monte em que estava situado, lembrou-se de anotar as inscrições gravadas nos sepulcros dos semitas de maior importância.

Num caderno transcreveu literalmente setenta-e-seis epitáfios, quasi todos referentes a pessoas e famílias do século XIV, época mais florescente da Comunidade Israelita toledana.

Denominou êste seu sentimental trabalho «Abné Zikarón» isto é «Pedras Memoriais».

O manuscrito em questão começou a suscitar o interesse dos hebraístas do século XIX.

Encontra-se então na Real Biblioteca de Turim, na Itália. Aí foi lido e estudado por Luzzato que o mandou imprimir em Praga no ano de 1841. A edição, depois de circular bastantes anos no estrangeiro, chegou por fim a Espanha, mas o precioso original ficou reduzido a cinzas quando do incêndio que destruiu a Biblioteca.

Havia dúvidas sobre a veracidade do manuscrito, pois bastantes imitações, mais ou menos perfeitas, apareceram, contudo os últimos achados arqueológicos de Toledo comprovaram plenamente não só a exactidão como a autenticidade do seu testemunho.

...Um dia por ocasião dumas obras, foi

descoberta na rua "de la Roperia" uma pedra granítica quadrangular, que era o tópo duma antiga porta.

Esta pedra tinha gravadas umas inscrições hebraicas, e tinha sido a lápide supulcral da judia Donna, que segundo o epitáfio "sôbre a terra teve as mãos brancas" pelo que "o céu foi piedoso para com ela".

Consultando o caderno do Judeu Toledano que recolheu as inscrições do cemitério da Horca, lá estava exactamente reproduzido o texto desta legenda sepulcral (bem rimada, como tódas elas) da bondosa Donna...

... Outro dia (1936), na casa do Dr. Lopez Fando descobriu-se que a pia do lavadouro era a lousa funerária de Jacob Aben El Sarcasán, médico célebre que "se empenhou tóda a vida a amar a Deus e a aproximar-se d'Ele". Também esta inscrição foi identificada no interessantíssimo documento do nosso correligionário Toledano.

Em 1932-35, o director do Museu Arqueológico Provincial, Senhor D. Francisco de San Roman, reconheceu outra pia do lavadouro do Convento de freiras de S. Domingos de Real, como sendo a lousa sepulcral da hebraea Sadbona, espôsa do Rabi Meir Halévy, parente próximo do almoxarife Samuel Halévy, falecido em 1349, no reinado de Pedro, o Cru, em consequência da peste que assolou a Europa no século XIV e que causou inúmeras vítimas em Toledo, entre as quais Donna (das mãos brancas) e o médico El Sarcasán. Ao consultar o caderno judaico, o Sr. Sam Román comprovou que a inscrição de Sadbona "a respeitável, e eminente mulher superior" era justamente a primeira que transcreveu na Necropole da Horca, o inteligente judeu anónimo a quem se deve um documento de valor histórico e filológico tão excepcional dentro da bibliografia hebraica espanhola.

Já em princípios do século actual, na quinta "Venta del Hoyo" primitiva colónia judia, uns camponeses descobriram quando trabalhavam a terra, o sepúlcro do Rabi Moisés Ibn Abi Zardil, que apareceu intacto, com a cova revestida de tejos e coberta com uma tampa granítica.

Destruíram a sepultura e espalharam os restos humanos que continha, mas guardaram a lápide para bebedouro, mister a que esteve aplicada durante um decénio. A forma de pirâmide truncada que tinham

estas lápides incitava a aplicá-las invertidas, para tais usos, e tódas elas mostravam num dos seus ângulos, o orifício feito para o seu esvasiamento.

A do Rabi Moisés tem gravado, como as outras, um longo epitáfio que ocupa tódas as faces e nas quais se diz: "Que o Senhor lhe dê de beber no rio dos seus prazeres..."

As lápides mencionadas, com a do judeu convertido Havaab, do século XII, procedente da igreja de S. Miguel, são a base da colecção epigráfica judia do Museu Arqueológico Provincial (Toledo).

Outros exemplares interessantes da mesma secção são uma viga em talha, suposta coluna da primitiva porta de Santa Maria a Branca, embora também seja provável que provenha doutra sinagoga toledana desaparecida.

O Museu Arqueológico Provincial de Toledo possui ainda outros achados de valor, recolhidos por tóda a parte, todo aproveitado como materiais de construção para os mais diversos fins...

Obra de vandalos, sem dúvida, mal da Península...

ISAAC JACOB LOPES MARTINS.

Joshna Edelman

No desastre do avião Clipper ocorrido em Lisboa, no dia 22 de Fevereiro de 1943, foi uma das vítimas o Sr. Joshna Edelman, filho de Henry e de Pauline Edelman, de 35 anos de idade, casado, natural de Filadélfia, funcionário do Governo Norte Americano.

Foi enterrado no Cemitério Judaico de Lisboa (Alto de S. João). As cerimónias fúnebres foram feitas pelos reverendos Castel e Dizendruk, dignos ministros officiantes da Sinagoga Shaaré Tikvah de Lisboa.

No cortejo fúnebre viam-se os Srs. Tenente Thompson, da Aviação Americana; Dr. Berenstein, do Hicem; Spainen, do Joint; Katzki e muitos membros das comunidades judaicas sepharditas e polacas.

À noite na Sinagoga Shaaré Tikvah foi rezada uma Askabah (officio fúnebre) pelo Rev. Dizendruk. A Sinagoga estava repleta de fiéis. Sua Excelência o Sr. Embaixador Americano assistiu ao officio.

Os judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 116)

TÍTULO XLIX (LIVRO IV)

Quando a cousa obrigada he vendida, ou enalheada, passa sempre com o seu carregó

El Rey Dom Affonso o Terceiro de grande memoria em seu tempo fez Lei em esta forma, que se segue:

1.º Dom Affonso, &c. A vós Alquaides, e Alguazis da Villa de Santarem, saude. Sabede, que a Cumunidade dos Judeus me mandan dizer, que elles emprestam a vossos vizinhos dinheiros per prazos, e per Cartas, e per Estormentos, e obrigam a elles por essas dividas seus herdamentos, e suas possiçõs; que as nom possam elles vender, nem enalhear, nem emprazar, se non pera pagar a elles suas dividas, assi como em esses Estormentos he contheudo: e segundo a Mim he dito esses vossos vizinhos vendem, e enalheam as ditas possiçõs, e herdamentos, que a esses Judeus som obrigádos per suas dividas. E Eu avendo Conselho sobre esto, achei per direito, que aquellas possiçõs e herdamentos que a esses Judeus som obrigádos per suas dividas, nom se podem vender, nem enalhear, ataa que paguem a elles essas dividas, pelas quaes lhe som obrigados: e semelhantemente aquelles vossos vizinhos, que taes herdamentos, ou possiçõs compram, ou filham a penhor, ou os querem aver per outra maneira se nom podem escusar que nom sejam theudos por essas dividas, ou leixem esses herdamentos, ou possiçõs a aquelles, a que som obrigádos, assy como suso dito he: e al nom façades Dante em Lixboa quatorze dias de Março Era de mil trezentos e treze annos.

2.º E vista per Nós a dita lei, adendo e declarando em ella dizemos, que vendendo, ou enalheando o devedor a cousa sua, que havia a outrem obrigáda, porque

essa cousa assi obrigada sempre passa com seu encarrego de obrigaçom, poderá o credor demandar o possuidor della que ou lhe pague a divida, por que lhe foi obrigada, ou lhe dê e entregue a dita cousa, pera aver per ella pagamento de sua divida.

3.º E esta demanda lhe poderá fazer ataa dez annos compridos, e contados dês o primeiro dia, em que a dita cousa foi a poder do possuidor com titulo, e boa fé, e se ambos eram moradores em huã Comarca, a saber, e o credor, e o possuidor; e morando elles ambos em desvairádas, Comarcas, entom lhe poderá ser feita a dita demanda ataa a vinte annos compridos, e contádos como suso dito he; e hindo essa essa cousa ao possuidor sem titulo algum, avendo ácerca dela maa fé, porque sabia bem que não éra sua de direito, nem lhe pertencia, em tal caso lhe poderá seer feita a dita demanda pola dito credor ataa trinta annos compridos, e contádos como suso dito he.

4.º E no caso honde a dita cousa assy obrigada sempre foi em poder do dito devedor, ou de seu herdeiro, ou d'outro algum credor, que tanto direito hi nom tevesse, per seer mais postumeiro, entom lhe poderá ser feita a dita demanda ataa quarenta annos, contádos do dia que a dita obrigaçom foi feita em diante.

5.º E com estas declarações Mandamos que se guarde a dita Ley, segundo em ella he contheudo, e per Nós declarádo, como dito he.

Visado pela Comissão de Censura

Calendário Israelita

Ano de 5704

(Tem 12 meses lunares)

- 1.^a lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 30 de Setembro de 1943.
- 2.^a lua (Heshvan) — 29 dias
dia 1 — 30 de Outubro de 1943.
- 3.^a lua (Kislev) — 30 dias
dia 1 — 28 de Novembro de 1943.
- 4.^a lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 28 de Dezembro de 1943.
- 5.^a lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 26 de Janeiro de 1944.
- 6.^a lua (Adar) — 29 dias
dia 1 — 25 de Fevereiro de 1944.
- 7.^a lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 25 de Março de 1944.
- 8.^a lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 24 de Abril de 1944.
- 9.^a lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 23 de Maio de 1944.
- 10.^a lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 22 de Junho de 1944.
- 11.^a lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 21 de Julho de 1944.
- 12.^a lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 20 de Agosto de 1944.

(Este ano tem 354 dias)

Dias festivos no ano de 5704

Rosh Ashana — 1.^o dia — 30 de Setembro de 1943.

Rosh Ashana — 2.^o dia — 1 de Outubro de 1943.

Kipur — 9 de Outubro de 1943.

Sucot — 1.^o dia — 14 de Outubro de 1943.

Sucot — 2.^o dia — 15 de Outubro de 1943.

Hoshana Raba — 20 de Outubro de 1943.

Shemini Aseret — 21 de Outubro de 1943.

Simhá Torá — 22 de Outubro de 1943.

Hanuca — 1.^o dia — 22 de Dezembro de 1943.

Hanuca — 8.^o dia — 29 de Dezembro de 1943.

Purim — 9 de Março de 1944.

Pesah — 1.^o dia — 8 de Abril de 1944.

Pesah — 2.^o dia — 9 de Abril de 1944.

Pesah — 7.^o dia — 14 de Abril de 1944.

Pesah — 8.^o dia — 15 de Abril de 1944.

Shabuot — 1.^o dia — 28 de Maio de 1944.

Shabuot — 2.^o dia — 29 de Maio de 1944.

Jejuns em 5704

Assassínio de Guedaliá — 3 de Outubro de 1943.

Kipur dia de Expição — 9 de Outubro de 1943.

Cêrco ao Templo — 6 de Janeiro de 1944.

Jejum de Esther — 8 de Março de 1944.

Tomada do Templo — 9 de Julho de 1944.

Destruição do Templo — 30 de Julho de 1944.